

A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES À PRODUÇÃO DE PALAVRAS E SABERES

Já que foi o desejo de elaborar estratégias comuns de institucionalização dos estudos feministas em nossas respectivas universidades o que nos reuniu no seio deste Colóquio, escolhi, para iniciar nossas trocas, abordar essa questão sob o ponto de vista dos interesses atuais do desenvolvimento epistemológico e metodológico dos estudos feministas dentro do Quebec de fala francesa. Mas, antes mesmo de fazer um levantamento desses interesses, peço licença para um rápido desvio a fim de apresentar alguns elementos de informação relativos ao modo específico de evolução dos estudos feministas no campo das ciências sociais e humanas no Quebec.

Foi essencialmente durante as duas últimas décadas que os estudos feministas se impuseram nas universidades do Quebec como campo pluridisciplinar de produção de conhecimento. Realmente, foi a partir do fim dos anos 70 que disciplinas tais como a Sociologia, a Antropologia, a História, o Serviço Social e as Letras se abriram progressivamente a esse tipo de estudo e se mostraram mais permeáveis a suas problemáticas e a suas críticas. É verdade que se trata aí de uma relação ambígua. O espaço ocupado pelos estudos feministas continua sendo periférico, ao mesmo tempo que em certas disciplinas as interrogações e os conhecimentos gerais por eles gerados permanecem largamente ignorados ou então decretados incompatíveis com a produção de conhecimentos objetivos e gerais. Sem deixar de levar isso em conta, tem-se de qualquer modo que reconhecer, nem que seja para obstar os efeitos desmobilizadores do discurso sobre as "mulheres vítimas do feminismo"¹, que há uma evolução e que esta se verifica no sentido de um melhor reconhecimento e interações mais numerosas no meio universitário do Quebec.

¹ FALUDI, Susan *Backlash. La guerre froide contre les femmes* Paris. Des femmes, 1993, p. 19

Assim, sem pretender com isso que certas formas de exclusão, ou ainda mais banalmente, de indiferença em relação às preocupações intelectuais e políticas dos estudos feministas tenham desaparecido totalmente, é possível afirmar que estes representam no Quebec um campo acadêmico cuja legitimidade se apóia na institucionalização de programas de estudos universitários, a produção de centenas de dissertações e teses retomando problemáticas feministas e o desenvolvimento de grupos ou institutos de pesquisas.

Os estudos feministas: uma breve definição

Para bem circunscrever o campo de estudo e pesquisas a que me refiro, especificarei que designo com o termo **estudos feministas** um campo pluridisciplinar de produção de conhecimentos que faz apelo a diversos instrumentos conceituais e problemáticos para analisar a dimensão sexuada das relações sociais à luz das condições simbólicas, materiais e sociais da reprodução daquelas.

Segundo esta definição, os estudos feministas portanto não procedem por simples acréscimo ou justaposição do feminino e das categorias de sexo ao universo de observação ou aos diversos discursos disciplinares. Tampouco são um campo de estudo e pesquisas centrado unicamente nas mulheres nem, como se tenta fazer crer para desacreditá-los ou ignorá-los, uma corrente normativa e homogênea de pensamento oposta ao procedimento científico. Efetivamente, em filiação ou em oposição a diversas abordagens teóricas e metodológicas, os estudos feministas no Quebec fazem questão de manifestar os efeitos estruturantes dos processos sociais sexuados em todas as dimensões do social e visam uma transformação em profundidade das relações sociais, assim como de nossa própria maneira de pensá-las e dizê-las.

O processo de institucionalização

No Quebec, o surgimento e em seguida a institucionalização dos estudos feministas foram largamente tributários das ações conduzidas pelo movimento das mulheres da província a partir dos anos 60. Este, através de suas análises críticas e suas lutas sócio-políticas, favoreceu o aparecimento dos desejos, das predisposições e das habilidades necessárias não apenas para se pensar "mulher" num quadro sócio-cultural até então muito rígido e normativo, mas ainda para levar a um engajamento na causa das mulheres sob a forma de investimento na pesquisa e na criação. E se, como em outros países onde conhecem uma institucionalização interessante, os estudos feministas do Quebec representam o coroamento de uma interação dinâmica e fecunda entre o movimento das mulheres e as acadêmicas, têm também a característica de terem sido desenvolvidos pelas próprias militantes. Na qualidade de mulheres, mas também de intelectuais ou de cientistas, estas quiseram primeiramente denunciar o positivismo e a pseudo-neutralidade das

ciências; depois procuraram, a partir de sua própria prática acadêmica, multiplicar os olhares e os lugares de reflexão e intervenção.

Já há duas décadas agora que tomadas de posição militantes e reflexões teóricas se esbarram, se influenciam mutuamente, às vezes até se contradizem, para pôr em causa mais uma vez o duplo padrão que sempre marcou os pretensos modelos objetivos das ciências do homem. Assim, os discursos e os conhecimentos produzidos pelos estudos feministas no Quebec não podem nem devem ser associados a uma única disciplina ou a uma única escola de pensamento, assim como, aliás, não são produto de um só lugar, de um só momento ou de condições únicas de produção. Muito pelo contrário, eles levam ao mesmo tempo a marca da diversidade dos diferentes meios disciplinares, teóricos e sócio-políticos de sua produção e a das filiações assim como a das rupturas que os ligam ou os opõem às diversas correntes contemporâneas de pensamento.

Além do mais, é importante lembrar que os estudos feministas do Quebec se desenvolveram no âmbito da dupla influência canadense-americana e francesa. Essa interação dinâmica lhes deu uma orientação, um caráter próprio e distinto que constitui, em minha opinião, uma síntese bastante original e fecunda do encontro entre a abordagem mais pragmática e mais empírica das americanas e as perspectivas mais teóricas e mais abstratas privilegiadas pelas intelectuais feministas francesas. A conjugação dessas influências favorecerá principalmente uma produção importante de pesquisas empíricas quantitativas e qualitativas elaboradas do ponto de vista das mulheres², a implantação de um ensino universitário de estudos feministas ou sobre as mulheres, assim como a experimentação de práticas de pesquisa diferentes, tanto por sua abordagem metodológica quanto por seus objetivos analíticos ou estratégicos.

Desde o início, preocupadas com o acúmulo de conhecimentos de caráter sócio-histórico e econômico sobre as mulheres e as relações de sexo, pesquisadoras feministas do Quebec desenvolvem, no rastro da influência americana, uma abordagem militante e estratégica dos estudos feministas. A exemplo das americanas, e mais especialmente de Betty Friedan³ que, em *La Femme Mystifiée*, interpretara a desigualdade entre os sexos como um problema sócio-cultural, as feministas do Quebec identificam a socialização e a educação das meninas como principais instrumentos de mudança. Tal orientação será propícia para o estabelecimento de colaborações fecundas com diversos organismos governamentais e sindicais da província.

Centradas na ação e informadas pela teoria dos papéis de sexo, as pesquisas então empreendidas evidenciam várias das condições discriminatórias vividas pelas mulheres nas esferas da educação e do trabalho. No

² SMITH, Dorothy. Le Parti-pris des Femmes. In: COHEN, Yolande (org.), *Femme et Politique*. Montreal. Le Jour, 1981, p. 139-144.

³ FRIEDAN, Betty. *La Femme Mystifiée*. Paris. Gonthier, 1964.

plano teórico, essas pesquisas fazem aparecer a necessidade incontornável de integrar as mulheres como categoria sociológica em qualquer análise, para pôr um fim na representação truncada da sociedade e das relações sociais reproduzida pelas ciências sociais. Assim nascerá uma tradição de pesquisas teóricas e práticas, que continua prosseguindo, nos campos da demografia, da educação, do trabalho, da saúde física e mental das mulheres, da violência contra as mulheres etc.

Nos anos seguintes, e particularmente graças à influência da revista *Questions Féministes* no fim dos anos 70, o pensamento feminista no Quebec será marcado pela influência mais teórica das perspectivas francesas. Essa influência será determinante e terá como resultado concreto uma produção de pesquisas sobre a vivência e a experiência das mulheres inscrita em quadros de análise que se inspiram, encontram e questionam as dimensões mais teóricas levantadas pelo discurso feminista radical. Retomando teses e temas desenvolvidos tanto na França quanto nos Estados Unidos, as pesquisadoras feministas do Quebec se interessam então por desenvolver uma história societal que se escreve em termos de dominação dos grupos sociais uns pelos outros e tenta elaborar uma teoria feminista da sociedade para pôr em causa a ordem patriarcal.

Desde então, os estudos feministas do Quebec tentam ir mais além da procura de informações e das intenções de denúncia que presidiram a seu surgimento⁴. Fazem questão de demonstrar que não é mais possível pensar o mundo e fazer ciência como antes, ou seja, de um modo que exclui as mulheres como sujeitos da história e do saber e que afasta as categorias de sexo (de gênero) como categorias críticas de análise. Sob a influência deles, a linguagem escrita e falada no mundo acadêmico, como no mundo político e social, está pouco a pouco mudando para melhor refletir o fato de que tanto as mulheres quanto os homens são partes integrantes do discurso, como da própria vida.

Finalmente, mais adiante nos anos 80, a procura de unidade nos modelos de interpretação feministas, que fora até então percebida como um elemento sócio-político importante, se não como uma necessidade, fica sendo cada vez menor por parte das pesquisadoras do Quebec, enquanto se torna também cada vez menos possível. Numa conjuntura sócio-política que põe de lado as grandes teses coletivistas em provelto de um retorno ao indivíduo e incentiva o parcelamento das reivindicações, mas também num contexto analítico onde a teorização radical havia fechado a porta a quase todas as possibilidades de problematizar a vivência "comum" das mulheres heterossexuais e, em particular, a experiência maternal, familiar e amorosa destas, os estudos feministas no Quebec se abrem para novos campos de interesse e novas disciplinas.

⁴ LAURIN-FRENETTE, Nicole. Présentation. les femmes dans la sociologie. *Sociologie et Sociétés*, vol. XIII, n° 2, 1981, p. 3-18

Os problemas de identidade e cultura femininas, assim como as discussões sobre o conceito de gênero como categoria social em interação com os outros processos sociais de marca e de relação ocupam atualmente uma parte importante do espaço discursivo. As concepções da igualdade e da diferença se multiplicam⁵. Na esteira das reflexões conduzidas pelas feministas negras americanas e pelas feministas latino-americanas especificamente, as feministas do Quebec tomam consciência da importância de levar mais longe a interrogação sobre a interrelação dos processos de categorização de sexo, raça e classe como princípio de organização do social à luz das novas representações e práticas efetuadas, tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

Sob a influência dos meios da Filosofia, da Psicanálise e das Letras, certas autoras do Quebec, tanto dentro quanto à margem do campo dos estudos feministas, se interrogam cada vez mais sobre os problemas de ética e de diferença. Elas questionam as representações culturais e simbólicas da mulher e da maternidade e exploram as possibilidades de desenvolver uma teoria do sujeito feminino. Paralelamente, depois de durante muito tempo condenar a família como lugar de reprodução da ordem patriarcal, outras pesquisadoras feministas do Quebec se voltam novamente para a análise das diversas facetas da vida familiar. Elas enfatizam temáticas referentes às trajetórias de vida, à articulação da vida profissional e da vida familiar, à feminilização da pobreza, à representação política das mulheres, à situação das mulheres imigrantes ou das minorias visíveis etc.

É num contexto como esse que as pensadoras feministas do Quebec documentarão fartamente a crítica epistemológica das noções de neutralidade e objetividade em ciências como ilusão metodológica. Essa crítica as leva a reconhecer a importância da subjetividade do pesquisador ou da pesquisadora em todas as etapas do processo de produção dos saberes. No plano metodológico, essa tomada de posição crítica, assim como as relações estreitas que várias pesquisadoras mantêm com os grupos de mulheres, as incentivam a explorar diversos procedimentos de pesquisa passíveis de favorecer uma melhor articulação entre a teoria e a prática. Querendo demonstrar a compatibilidade entre a pesquisa e o engajamento político, preocupadas em inscrever seu procedimento num projeto de transformação social global, várias pesquisadoras no Quebec se mostram assim receptivas à prática da pesquisa-ação. Esse tipo de pesquisa participativa, que pede que os sujeitos "e seus saberes" estejam associados em todas as etapas da pesquisa, parece-lhes um caminho promissor em razão de sua abertura e seu enraizamento no real e na prática. Elas vêem nisso uma ferramenta metodológica interessante, mesmo se é complexa e de difícil utilização, para se aproximar da experiência concreta das mulheres e de suas

⁵ DAGENAIS, Huguette. *Méthodologie Féministe et Anthropologie: une alliance possible*. *Anthropologie et Sociétés*, vol. 11, n° 1, 1987, p. 19-44

necessidades e para facilitar a reapropriação da reflexão e dos resultados por parte destas. É nesse mesmo espírito que várias outras pesquisadoras feministas do Quebec favorecem a adoção de técnicas qualitativas para a construção dos dados, considerando que essas técnicas se prestam melhor à integração da palavra e da experiência das mulheres, pré-requisito julgado essencial para devolver à teoria seu sentido verdadeiro.

Pontos essenciais de desenvolvimento

Depois de lembrar essas poucas grandes linhas da evolução teórica e analítica dos estudos feministas, evocarei nas páginas seguintes alguns pontos essenciais que, do ponto de vista de minha prática de professora-pesquisadora em Sociologia e em estudos feministas, parecem-me atualmente estar no caminho do desenvolvimento destes.

Inspirando-me da definição apresentada no início do trabalho, não tenho dúvida alguma de que o primeiro ponto essencial em relação aos estudos feministas consiste em manter o caráter subversivo que está na própria origem de seu surgimento e continuar a se colocar como problemática a mudança social e o *empowerment* das mulheres. Para sustentar essa afirmação, lembrarei que a maioria das feministas do Quebec concorda em dizer que a legitimidade primeira, o dinamismo e o pluralismo desse campo de estudos foram oriundos diretamente de suas fontes militantes e políticas. Assim, enquanto e durante todo o tempo em que os mecanismos de marginalização ou de exclusão das mulheres, que constituíram seu primeiro objeto de análise, não tiverem sido totalmente eliminados, é lógico pensar que o ponto de base fundamental dos estudos feministas permanece sendo uma adesão militante aos objetivos de transformação das condições que continuam a legitimar a reprodução de uma relação de poder entre os sexos.

Por outro lado, penso igualmente que o futuro dos estudos feministas passa por sua capacidade de encontrar, sem perder seu caráter contestatário e sua dimensão social de intervenção, objetivos de rigor intelectual e científico. De fato, é sua própria sobrevivência como saber "acadêmico" que depende de sua capacidade de participar dos grandes debates teóricos, de prosseguir em sua contribuição epistemológica e de produzir reflexões e pesquisas originais de alto nível, qualquer que seja a abordagem ou a metodologia utilizadas. Faço questão de explicitar que concebo esse objetivo como complementar, se não interdependente do primeiro, mesmo se alguns e algumas o lerem como contraditório. Isto posto, sempre farei a promoção da delinqüência e da inovação como caminho para desenvolver nossa imaginação sociológica.

Além disso, entrevejo a diversificação e a multiplicação das vias de questionamento e das temáticas de que se ocupam os estudos feministas como uma estratégia essencial para interpelar os conhecimentos dominantes e fazer reconhecer a legitimidade e o interesse intrínseco da participação das

mulheres no mundo das idéias, da criação e da pesquisa. À medida que os avanços teóricos se clarificam, que as diversas contribuições disciplinares se acumulam e que os elementos analíticos e sociais em jogo se definem - mas também se multiplicam -, torna-se cada vez mais manifesto que a institucionalização dos estudos feministas como campo multidisciplinar de pesquisa e ensino depende da capacidade destes em ultrapassar o quadro das análises unicamente das condições de vida das mulheres e das diferenças de comportamento entre as mulheres e os homens e em propor uma releitura crítica, ou seria mais certo dizer releituras críticas, da dinâmica sexuada das relações sociais. Para conseguir isto, os estudos feministas terão que manter, até mesmo enfatizar o caminho da interdisciplinaridade e provocar a elaboração de conhecimentos integrados e não parcelados do conjunto dos processos sociais.

Entretanto, sem deixar de estar convencida de que os estudos feministas têm que conservar suas ambições de multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, penso que eles têm também que procurar interpelar mais diretamente os diversos universos disciplinares. Bem sei que nesse caso trata-se novamente de nos pedir para desdobrarmos nossos esforços, já que tal objetivo exige que trabalhemos em duas frentes. Mas, se quisermos participar da reconstrução de novos conhecimentos e impor um ponto de vista crítico alternativo às perspectivas androcentristas dos diversos universos disciplinares, o futuro dos estudos feministas passa também por aí. Enquanto pesquisadoras feministas, temos com excessiva freqüência deixado em paz nossos colegas masculinos e algumas de nossas colegas femininas em nossas disciplinas respectivas; temos durante um tempo excessivo aceitado funcionar à margem de nossos campos disciplinares, chegando até, deve-se confessar, a nos calar, a nos censurar algumas vezes para "assegurar" uma certa coexistência pacífica ou pelo menos tornar possível nossa sobrevivência dentro de nossas respectivas instituições.

Sem querer alongar indevidamente a lista dos desafios que os estudos feministas do Quebec deverão encontrar nos próximos anos para assegurar sua consolidação como campo pluridisciplinar, vou enumerar aqui, sem comentá-los por enquanto, alguns outros pontos essenciais que também me parecem muito importantes.

Nos planos epistemológico e metodológico, em ruptura não apenas com os modelos hierárquicos de funcionamento, mas também com alguns dos mais sacrossantos pressupostos da pesquisa dita científica, os estudos feministas deverão continuar a explorar as diversas abordagens passíveis de reduzir as tensões entre teoria e prática e favorecer a vinculação de suas preocupações de pesquisa com os pedidos e as necessidades mais urgentes das mulheres.

Além disso, será preciso que os estudos feministas, como já frisava Nicole Laurin-Frenette em 1981, aceitem se interessar mais pelos novos problemas, pelas novas contradições geradas pelas próprias reivindicações do movimento das mulheres e pelos progressos efetivamente realizados. E, sem

procurar promover o *status quo* e menos ainda uma volta atrás, temos que nos interrogar mais sobre a verdadeira significação das hesitações, quando não das recusas, expressas por várias mulheres e grupos de mulheres diante das propostas feministas. Do mesmo modo, temos que entender que o futuro dos estudos feministas passa necessariamente por nossa capacidade coletiva de debater os problemas que decorrem tanto das opções e recusas que formulamos quanto das diferenças entre nós.

É igualmente primordial ter um olhar feminista em relação à diversidade e à multiplicidade dos problemas sociais que estão atualmente em face das mulheres. Não devemos hesitar em ampliar o campo de nossas observações, de nossas problemáticas e nossas intervenções a fim de melhor levar em conta a complexidade das relações sociais em causa e a das situações encontradas. É particularmente urgente tentar compreender os limites dos procedimentos e abordagens que vimos desenvolvendo no decorrer das últimas décadas e estabelecer lugares múltiplos de palavras e reflexões de modo a contribuir para o desenvolvimento da solidariedade das mulheres no respeito das diferenças e dos contextos sociais e nacionais.

É também imperioso ao máximo evitar a tentação de univocidade e normatividade que leva algumas a declarar que há um bom e mau feminismo, boas e más feministas. Muito pelo contrário, temos que tirar os ensinamentos sociais e intelectuais pertinentes da expressão de práticas e pontos de vista divergentes. Finalmente, em contra-corrente das tendências atuais para o individualismo e a desmobilização política que estão ocorrendo no tecido social do Quebec, os estudos feministas devem a qualquer preço evitar se deixar fechar nos problemas do singular e do particular e cair na armadilha de uma retidão política esclerosante, sempre tendo em mente que cabe-lhes chegar a conceitualizar uma noção da solidariedade feminina respeitosa das diversas experiências sociais, nacionais e históricas dos sujeitos-mulher.